

EDITORIAL

Caríssimo Leitor!

É bom estarmos de volta. O contato prazeroso deste encontro intensifica a prática de uma leitura necessária, amplia a possibilidade do diálogo sem fronteiras.

Precisamos entender com largueza e profundidade as questões que permeiam a deficiência visual. Na multiplicidade dessas mesmas questões, percebemos quão delicado é o assunto, quão importante se revela a tarefa daqueles que atuam na educação, na formação profissional, na construção da autonomia de um indivíduo que tem de ser visto e respeitado a partir da inteireza do potencial intelectual e humano que possui.

Nosso periódico traz à tona ideias, estudos e conclusões de pesquisadores. Eles se debruçam sobre aspectos tão diversos que compõem o conjunto de conhecimentos. Este favorece a busca de perspectivas que sinalizam para esse indivíduo rumos que podem levá-lo à conquista de uma sociedade mais aberta, cuja efetividade seja real para todos, deixando para trás os discursos apenas ideologicamente corretos. Oferecemos, nesta edição, quatro artigos que registram de modo cabal o espírito da revista: a diversidade de abordagens.

A complexidade da surdocegueira é discutida por Marcia Noronha de Mello e Elisângela Bernardo em “Aspectos gerais e possibilidades educacionais na surdocegueira”. As autoras apontam, no entanto, as possibilidades existentes para educar-se um grupo de indivíduos que precisa ter garantido seu direito à oportunidade.

No segundo artigo, “Percepção dos professores de orientação e mobilidade em face de sua formação e intervenção: estudo exploratório realizado em Portugal”, encontramos a contribuição de pesquisadores portugueses que mostram a necessidade de se qualificarem os professores de orientação e mobilidade em Portugal. O resumo dessa pesquisa afirma uma preocupação que se faz necessária, já que, para o cego, a orientação e mobilidade representa sua autonomia e liberdade de ação. Assinam o trabalho Elisa Sofia Lopes Gaspar, Rita Manuela de Almeida Barros e Carlos Manuel da Silva.

Uma questão bastante discutida no momento é a presença do mediador na sala de aula inclusiva. Esse assunto nos é trazido pelo trabalho “Estagiários como mediadores na inclusão em educação”, da autoria de Kelem Fabiana Gubolin Zapparoli e Márcio da Costa Berbat.

No quarto e último estudo, temos a pesquisa desenvolvida por Carmelino Souza Vieira e Francisco de Paula Nunes Sobrinho: “Programa de formação de inseminadores artificiais em bovinos: inclusão laboral de pessoas com deficiência visual”. A pesquisa demonstra a abertura de novas possibilidades de inserção da pessoa com deficiência visual no mundo do trabalho. Abre, ainda, à discussão a mudança do olhar no que concerne a outro direcionamento profissional que poderá ter uma pessoa cega ou com baixa visão.

Finaliza esta edição uma entrevista trazida por Leonardo Raja Gabaglia com as pesquisadoras Virgínia Kastrup e Marcia Moraes. Em 3 e 4 de outubro próximo será realizado o II Colóquio Ver e Não Ver: Deficiência Visual, Práticas de Pesquisa e Produção de Subjetividade. A importância do evento será trazida pelas pesquisadoras de duas grandes universidades brasileiras: a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Universidade Federal Fluminense (UFF). A contribuição desse trabalho é algo relevante, que gostaríamos de compartilhar com nossos leitores.

A prática da leitura é imprescindível para que possamos vivenciar o inesgotável prazer do conhecimento. Venha e compartilhe conosco esse prazer.

Até o próximo número, caro leitor!

Maria da Glória de Souza Almeida
Chefe de Gabinete
Instituto Benjamin Constant – IBC